

Quem é responsável pela política de Ciência, o Ministro? Parece que não!

Nuno Crato¹

Em entrevista ao Expresso, o ministro Manuel Valsassina Heitor procurou justificar o seu apoio a um documento crítico da sua própria política. Como? Culpabilizando o governo anterior! No seu jogo de passa-culpadas, contudo, esqueceu-se de que esse governo anterior conseguiu para a ciência o dobro dos fundos comunitários que os governos do Partido Socialista conseguiram.

Na sequência de críticas várias à política de ciência do atual governo, nomeadamente de dois manifestos públicos, o Ministro da Ciência e do Ensino Superior subscreveu um desses documentos críticos. Foi uma assinatura no mínimo insólita, que posteriormente o levou a justificar-se numa entrevista ao semanário Expresso. Estes factos políticos são polémicos e juntam-se a outros que me tenho sistematicamente abstido de comentar. Mas o ministro justificou-se culpabilizando o governo anterior.

Na realidade, há uma regra não escrita de comportamento institucional que até 2015 tinha sido seguida: em geral, os membros de um governo, sobretudo os que não são líderes partidários, sobretudo os que são independentes, ao serem substituídos, abstêm-se de comentar e criticar os seus sucessores, tal como estes se abstêm, em geral, de comentar e criticar publicamente as políticas dos que os antecederam. Foi assim, por exemplo, que o professor Mariano Gago se comportou comigo. E foi assim que eu me comportei com ele. Tendo ou não visões diferentes, respeitámos publicamente, um e outro, a autonomia de cada um. Mais: por vezes colaborámos para conseguir alguma continuidade de certas medidas políticas.

Com as naturais diferenças de sensibilidade, foi assim que a Professora Isabel Alçada, Ministra da Educação a quem sucedi, e eu próprio nos comportámos.

Em 2015 tudo mudou. O novo governo criticou e atacou diariamente as políticas do governo anterior. Mudou, alterou e justificou todas as suas medidas como sendo a reversão das políticas anteriores. Ou seja, justificou a sua política em função da política anterior. Ao princípio, não valeria a pena entrar em polémicas deselegantes. Os novos governantes teriam, a partir de certa altura, de justificar as suas políticas pelos seus próprios méritos e não à custa da negação das políticas anteriores. Mas passaram dois anos e meio e esse momento, insolitamente, parece nunca chegar.

Agora, com dificuldades visíveis em cumprir a «viragem de página» que tinha prometido, com dificuldades visíveis em satisfazer as necessidades financeiras e organizativas da investigação

¹ Ministro da Educação e Ciência entre Junho de 2011 e Outubro de 2015.

científica, com dificuldades visíveis em cumprir prazos de concursos e sem conseguir aumentar como prometido o financiamento das universidades e dos centros, o senhor Ministro Manuel Valsassina Heitor, que eu continuo a imaginar estar a fazer o melhor que sabe e que pode, resolveu mais uma vez culpar os seus antecessores.

Fá-lo na referida entrevista e em várias outras ocasiões, como se dois anos e meio não tivessem bastado para reverter os supostos erros e reorganizar a sua política. E não é só retórica. É também inverdade. Diz o Ministro que o problema é que «[q]uando o anterior Governo negociou o Acordo de Parceria Portugal 2020 com a União Europeia, não privilegiou a ciência. Por isso estamos agora a sofrer o impacto desta decisão.»

Ora isto é totalmente falso e insultuoso. O governo de que fiz parte empreendeu negociações muito duras para o acordo de parceria, negociações em que me empenhei diretamente, com vários outros membros do governo, e conseguimos para a ciência o montante recorde de mais de mil e cem milhões de euros (1.157,1), o dobro do que o governo anterior, do Partido Socialista, tinha conseguido: menos de seiscentos milhões (558,4). É verdade que o governo em que o atual ministro de ciência estava conseguiu depois uma reprogramação, mas mesmo assim não atingiu sequer os seiscentos milhões (598,6).

Nestes valores estou obviamente a incluir os fundos negociados e assegurados para a ciência através do FSE, FEDER, incluindo programas regionais. Além destes fundos, a partir de 2014 as instituições e os cientistas portugueses conseguiram o feito de tornar o nosso país num beneficiário líquido dos fundos competitivos europeus para a ciência e tecnologia, o que nunca tinha sido conseguido. Mas, repito: naquilo que é responsabilidade direta de um governo, que é conseguir para o país o volume máximo de fundos comunitários no acordo de parceria inicial, conseguimos para a ciência o dobro do que o governo do Partido Socialista tinha conseguido.

Se o nosso governo «não privilegiou a ciência», então os governos de José Sócrates e o ministro de quem o professor Manuel Valsassina Heitor foi Secretário de Estado tê-la-iam desprezado por completo. Nunca tal dissemos. Acredito que não foi isso que se passou e não culpei o ministro que me antecedeu pelas dificuldades que tivemos. Foi algo que nem me passou pela cabeça. É uma questão de dignidade.

Senhor ministro: passaram quase três anos; não se desculpe com os outros, resolva os problemas e assuma as suas responsabilidades.